

Entre a resignificação e o apagamento: Neointegralismo e o Antissemitismo

ODILON CALDEIRA NETO*

Dentre as variadas iniciativas políticas institucionais de militantes integralistas, a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada por Plínio Salgado em 1932 certamente é caracterizada como um marco fundamental não somente para a história política brasileira (principalmente nas pesquisas sobre a práxis e ideologia política autoritária nacional), mas sobretudo para os militantes das *fileiras do Sigma*.

Esta importância não está restrita somente aos homens e mulheres que militaram durante a fase de legalidade (1932-1937) daquele que foi o principal movimento político de moldes fascistas e um dos primeiros partido de massas da política nacional. Desta maneira, grande parte das iniciativas posteriores à dissolução da AIB, e que pretendiam (e pretendem) rearticular a suposta magnitude da ideologia e militância integralista, buscam reviver um período tido como pujante para a militância. Sendo assim, é possível observar uma permanência em diversas organizações integralistas pós-AIB da manutenção – ou construção – de laços históricos que determinariam para a militância qual caminho a seguir, ou mesmo a quem eles deveriam se manter fiéis. No entanto, esta busca pela conservação da militância e de alguns pressupostos históricos e ideológicos dos integralistas esbarram em algumas condições e limitações surgidas no bojo da sociedade de cada tempo em que os integralistas almejam renascer politicamente.

Um caso emblemático destas condições pode ser demonstrado a partir do processo de formação do Partido de Representação Popular (PRP/1945-1964) no período de abertura democrática pós Estado Novo, quando parte dos integralistas, liderados por Plínio Salgado (e outros líderes do segundo escalão da rígida hierarquia integralista) se lançaram à via partidária, por meio de um discurso pretensamente democrático. Para esta iniciativa específica, os integralistas tiveram de percorrer um caminho em que, ao mesmo tempo rearticulava-se uma parcela da militância da AIB, havia a necessidade de “explicar” para a opinião pública nacional este apego à democracia e o distanciamento da fama/condição de fascistas e intolerantes, ainda que

* Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/2011).

mantivessem uma clara inspiração fascista (por meio dos moldes corporativistas da organização estatal).

Este distanciamento evidentemente “rompia” com alguns dos pressupostos da doutrina integralista em sua primeira fase, algo que não era bem visto e aceito por uma parcela da militância integralista presente no PRP. Por mais que em alguns momentos propostas de rompimento da militância integralista para com a cúpula do partido fossem almejadas, tais iniciativas nunca chegaram a concretidade, algo profundamente determinado pelo fato da presença de Plínio Salgado na presidência do PRP. Deste modo, ainda que o molde integralista perrepista não fosse uma reprodução do integralismo dos anos 1930, a presença do “Chefe Nacional” dos integralistas na presidência nacional do PRP consistia um princípio legitimador da condição integralista do partido, além do mais forte laço histórico existente entre os integralistas das décadas de 1940, 50 e 60 e o auge dos camisas-verdes em 1930.

A busca pelo distanciamento da caracterização fascista e a adesão a um discurso “democrático” é um dos marcos da trajetória do PRP na iniciativa de rearticulação do integralismo em novos tempos. Ainda que não tenha sido a única organização integralista surgida após o fim da AIB, o PRP foi o que conseguiu penetrar nas disputas políticas institucionalizadas com maior – ainda que tímido – sucesso. A liderança de Plínio Salgado auxiliou tal empreitada, principalmente na necessidade em reunir os militantes integralistas dispersados durante e após o Estado Novo.

Em 1975, após o falecimento Plínio Salgado, a unidade do movimento integralista constituído pela presença do “chefe nacional” foi extinta. Ainda que houvessem alguns militantes oriundos de diversas fases do integralismo (AIB, PRP, Centros Culturais da Juventude, etc.), a ausência da presença física do chefe Plínio Salgado abriu precedentes para uma disputa entre algumas correntes dos integralistas remanescentes, ou neointegralistas. Vários pequenos grupos de novos e antigos militantes integralistas surgiram, embora grande parte destes tenha sido marcado pela efemeridade ou mesmo inocuidade.

A principal organização neointegralista surgida após o falecimento de Plínio Salgado foi a “recriação” da Ação Integralista Brasileira, iniciativa do advogado paulista Anésio de Lara Campos Júnior no ano de 1983. Embora o registro da sigla AIB estivesse dentro da legalidade (até porque havia sido extinta por Getúlio Vargas

momentos após o golpe do Estado Novo), tal empreitada foi tomada como uma usurpação por alguns militantes, inclusive Carmela Salgado (viúva de Plínio Salgado). Além desta questão, a aproximação da “segunda AIB” com pequenos grupos de extrema-direita (neonazistas, principalmente) condicionou o insucesso do grupo.

Somente no ano de 2004 que os militantes neointegralistas retomam uma iniciativa de criação de uma alternativa integralista à política institucional. Na ocasião, foi realizado o “I Congresso Integralista para o Século XXI”, onde determinou-se a criação do Movimento Integralista Brasileiro (MIB), que visava reunir diversos militantes (neo)integralistas então dispersos. Apesar da realização do congresso, a criação do MIB não pode ser efetivada, pois a sigla já havia sido registrada por Anésio Lara anos antes. Após tal evento, houve uma profunda cisão dentre os poucos militantes integralistas remanescentes, cisão esta determinada não apenas pela própria disputa de poder e “legitimidade”, mas também por concepções diversificadas e divergentes de cada grupo sobre a história e arcabouço doutrinário dos camisas-verdes.

Desta maneira, três novos grupos neointegralistas surgiram como decorrência direta (mas não específica) do fracasso da constituição do MIB: a Frente Integralista Brasileira (FIB), o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B) e a Ação Integralista Revolucionária (AIR). Uma das poucas semelhanças entre estes grupos é a defesa do integralismo dos anos 1930 e a tentativa de articular um movimento integralista de alcance nacional e atuante na política institucional. As diferenças entre estes grupos são diversas e algumas tidas como irreconciliáveis.

A Frente Integralista Brasileira se caracteriza por uma postura mais conservadora em face ao histórico integralista. Deste modo, poucas mudanças são inseridas na ideologia integralista dos anos 1930 para o Século XXI, pois para a FIB seria no integralismo (e tão somente no integralismo) que residiriam as soluções para os problemas do Brasil. Já o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro busca justamente uma nova roupagem ao integralismo do Século XXI. Afirmam que alguns desenvolvimentos científicos, ideológicos e tecnológicos não estiveram ao alcance dos ideólogos integralistas dos anos 1930, justamente pelo fator temporal. Para solucionar tal questão, os membros do MIL-B postulam a filosofia do “linearismo” enquanto o integralismo atualizado – e perfeito. Para os militantes do MIL-B, poucas modificações seriam efetuadas na essência discursiva integralista, estando a atualização doutrinária

restrita a uma necessidade do tempo presente para o neointegralismo.

Já a Ação Integralista Revolucionária (AIR) defende a prática do integralismo enquanto ideal revolucionário, isto é, a forma como o integralismo existiu até o ano de 1935, quando o movimento passou de uma atuação político cultural para a inserção no jogo de poder político institucionalizado nos moldes liberais, por meio da formalização da AIB em partido político. Para Jenyberto Pizotti (líder da AIR), tal iniciativa foi um equívoco da liderança integralista, pois foi justamente tal fator que legitimou a extinção da AIB (e demais partidos políticos) após o golpe do Estado Novo.

As divergências entre estes grupos torna o neointegralismo um fenômeno relativamente fragmentado. No entanto, cabe ressaltar que, além da busca (disputa) por uma liderança efetiva para o neointegralismo, a prática de problematizar determinados fatores essenciais para a ideologia do integralismo histórico também determinam a consolidação de práticas distintas entre estes grupos neointegralistas.

Algumas “máculas” do passado integralista, sobretudo ligados à primeira fase do movimento (AIB) – justamente a condição que os neointegralistas buscam reviver – permanecem extremamente problemáticas. Desta forma, além da caracterização fascista que desde o período perrepista os integralistas buscam se distanciar, outros aspectos também são tomados com ressalvas e tratados com extrema cautela, como é o caso da presença - e intensidade - de práticas e teorias antisemitas no cerne da Ação Integralista Brasileira.

Ainda que houvesse práticas e algumas obras antisemitas em produção e sobretudo circulação no Brasil anos antes da fundação do integralismo, coube de fato ao movimento dos camisas e blusas verdes a sistematização de uma literatura doutrinária extremamente preconceituosa e que frequentemente (mas não obrigatoriamente) englobava todos os males da humanidade em uma categoria específica, os judeus, à partir da defesa de ideias que, apesar de baixa fundamentação em relação à verossimilhança, eram bem aceitas, sobretudo pela militância de base da AIB.

Desta maneira, discursos provenientes de estruturas já existentes, isto é, o mito do complô judaico-comunista e o mito do complô judaico de dominação mundial (que, sob certo aspecto, eram complementares), foram não somente reproduzidas por autores e imprensa integralista, mas também reestruturados e *reaplicados* no contexto da sociedade brasileira, tanto no período então presente (anos 1930) quanto na própria

história política, econômica e militar nacional. Para tal, obras como “Brasil – Colônia de Banqueiros” de Gustavo Barroso buscavam não somente situar a chamada questão judaica para a militância integralista, mas também criar uma própria versão da história brasileira, na qual os judeus seriam determinantes para a criação dos problemas nacionais, desde tempos remotos.

Este discurso antissemita, que reproduzia variados conceitos e argumentos do antissemitismo então em voga em diversos países do mundo (o francês Léon de Poncins é um caso emblemático) obteve uma notável importância no movimento integralista como um todo, cooptando vários setores da militância de base e alguns nomes importantes dos segundos escalões da hierarquia integralista, além de, é claro, Gustavo Barroso, segundo homem mais importante do integralismo da AIB (Comandante-geral das milícias integralistas), demonstrando que a questão não estava restrita somente a alguns casos de militantes *inexpressivos*, mas inclusive em um dos maiores ideólogos e doutrinadores do movimento.

Ainda que o antissemitismo não tenha desempenhado de fato um papel central no *corpus* ideológico do integralismo da AIB (conforme a própria reação pública de Plínio Salgado em desagravo a Barroso torna evidente a cisão - ou possibilidade de ocorrência - no movimento), contou com um expressivo apoio e função dentro da AIB, como é possível notar por meio de algumas das obras integralistas e antissemitas de Barroso e outros autores (Anor Butler Maciel, Arci Tenório D'albuquerque, Oswaldo Gouvêa, etc.). Isto, contudo, não significou o *reconhecimento* da caracterização e prática antissemita pelos integralistas, inclusive nos escritos essencialmente antissemitas, como o caso de Gustavo Barroso.

Isto evidencia, desde os anos 1930, o aspecto problemático da questão do antissemitismo no e para o integralismo, não somente no aspecto de caracterização e reconhecimento da prática, mas também nas disputas internas e externas decorrentes desta questão. Analisando este aspecto específico nas atuais práticas integralistas, isto é, o neointegralismo, é possível notar novamente o quanto esta questão persiste, ainda que evidentemente em outras intensidades, contextos e atores históricos.

No fenômeno neointegralista, em suas variadas expressões, a questão do antissemitismo assume diversificados aspectos, variação condicionada também à própria disputa de poder existente entre os principais grupos integralistas em atuação

nos últimos anos. Deste modo, cada grupo neointegralista lida com a questão antissemita à sua maneira, em um processo contínuo de reconstrução institucional e de memória, buscando rearticular, silenciar ou mesmo apagar tal incidência no integralismo histórico e nas próprias práticas contemporâneas.

A Ação Integralista Brasileira, rearticulada por Anésio Lara de Campos Júnior em meados da década de 1980, buscou se aliar a algumas das novas práticas antissemitas surgidas na sociedade brasileira em pleno contexto de redemocratização política nacional. Não somente na relação existente entre a AIB de Anésio Lara e alguns pequenos grupos de tendência neonazista e autoritária (Partido Nacional Socialista Brasileiro, “Carecas do Subúrbio”, etc.) residia a questão, mas sobretudo no apoio público e reprodução de algumas das teses do negacionismo do holocausto, principalmente na defesa da ideia que as câmaras de gás nos campos de concentração teriam sido uma *mentira judaica* elaborada para planos posteriores. A defesa pública de tais teses, além da questão da suposta *usurpação* da sigla integralista, tornaram a rearticulação posterior dos integralistas ainda mais complexa, levando em conta que os neointegralistas haveriam de *explicar* não somente o antissemitismo dos anos 1930, mas também o negacionismo defendido pelo grupo de Anésio Lara.

Dentre os grupos formados posteriormente à desastrosa tentativa de criação do Movimento Integralista Brasileiro (MIB) em 2004, a Frente Integralista Brasileira (FIB) nega em vários momentos o reconhecimento da questão antissemita no integralismo de Gustavo Barroso (e demais autores), assim como na prática neointegralista cotidiana. Isto, contudo, como é possível notar a partir de diversos textos, não configura necessariamente uma crítica à questão, tampouco a inexistência de um discurso antissemita, de maneira velada. Buscam, ao mesmo momento em que negam a caracterização antissemita, a defesa e reprodução de um discurso que sugere (mas não denuncia efetivamente) o caráter *judaico* das mazelas sociais e econômicas da sociedade brasileira, ao mesmo momento em que há a defesa de algumas idéias típicas do complô judaico de dominação mundial, inclusive na questão do holocausto

Já no caso do MIL-B – Movimento Integralista e Linearista Brasileiro -, o discurso antissemita é mais evidente, com a corrente reutilização de elementos e teses do discurso antissemita barrosiano, inclusive na questão religiosa, consolidando a construção de uma leitura maniqueísta da história da humanidade, onde os judeus são

encarados não somente como forças desagregadoras, mas *verdadeiramente* malignas, a serviço do Diabo e contra Deus e toda a tradição cristã, como é possível notar inclusive por meio de representações gráficas (Galo Tupã, símbolo do MIL-B). A presença de elementos do antissemitismo contemporâneo não é notada com facilidade, mas, além do plano institucional reconhecido, há questões que indicam (ou sugerem, no mínimo), o apoio do MIL-B a ideias e disseminadores de material negacionista, principalmente no caso do *site* “Inacreditável”. Tudo isto, contudo, não significa que há o reconhecimento da questão antissemita nos textos do MIL-B, aspecto negado sistematicamente, ainda que a prática esteja evidente.

Já no caso da Ação Integralista Revolucionária (AIR) liderada por Jenyberto Pizotti, alguns aspectos do integralismo da AIB (década de 1930) são problematizados abertamente, buscando a resolução do que seriam alguns problemas ocorridos na principal fase institucional integralista. Desta maneira, não somente a questão partidária é trazida à tona, mas também a questão do antissemitismo, que, na opinião do líder da AIR, haveria de ser neutralizado, por ser justamente este aspecto o principal impedimento para a rearticulação do integralismo no Século XXI. Deste modo, a AIR não somente reconhece a incidência e caracterização antissemita na AIB (ou mesmo em grupos neointegralistas), mas também busca *silenciá-la* para que a tão almejada reconstrução do integralismo possa ser efetivamente consolidada.

Estas posturas diversificadas dos grupos neointegralistas abordados demonstra não apenas a disputa de poder existente entre estes, tanto no aspecto de inserção e consolidação institucional na agenda política nacional, mas também na questão da memória militante das *fileiras do Sigma* (e também *milícias do além*), corroborando a tese de que o antissemitismo não somente foi (e é) presente no integralismo, mas também que tal aspecto constitui uma espécie de “divisor de águas” (ainda que sutil) da militância integralista, gerando diversas gradações de uma prática perniciosa que, apesar de deplorável, ainda encontra adeptos em pleno Século XXI.

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Gustavo. A Sinagoga Paulista. 2a Ed. Rio de Janeiro: ABC Ltda., 1937(a).

_____. Brasil – Colônia de Banqueiros (História dos empréstimos de 1824 a 1934). 5. Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

_____. Espírito do Século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

_____. Integralismo e Catolicismo. 2a Ed. Rio de Janeiro: ABC Ltda., 1937(b).

_____. O Integralismo e o mundo. 2a Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

_____. O Integralismo. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=33&vis=>> (acesso em 10 jul de 2010).

BARBUY, Victor Emanuel Vilela. Manifesto de 13 de Maio. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=825&tx=4>> (acesso em 17 jun. de 2009).

EESTATUTOS DA AÇÃO INTEGRALISTA REVOLUCIONÁRIA - A.I.R. Disponível em: <<http://br.geocities.yahoo.com/airevolucionaria/estatutos.htm>> (acesso em 11 jan. de 2009).

GUILHERME, Cássio. Brasil, Colônia de Banqueiros. Disponível em: <http://www.integralismolinear.org.br/site/mostrar_artigo.asp?id=19> (acesso em 18 mar. 2009).

_____. Homenagem a Gustavo Barroso. Disponível em: <http://www.integralismolinear.org.br/site/mostrar_artigo.asp?id=32> (acesso em 17 nov. 2009).

_____. O Chefe não é uma pessoa... é uma idéia. Disponível em: <http://www.integralismolinear.org.br/site/mostrar_texto.asp?id=20> (acesso em 27 mai. 2009).